

VER

o outro

AS FAMÍLIAS SENEGALESAS
MUÇULMANAS NA SERRA GAÚCHA



Movi

Projeto financiado via Pró-cultura RS - Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Produção

Franciele Oliveira e Demba Sokhna

Curadoria

Demba Sokhna, Fatou Sokhna e Franciele Oliveira

Modelos

Abibou Diop, Oumou Khayri e Serigne Saliou

Diretor de arte

Francisco Santos

Expografia

Geovana Erlo

Assessoria técnica

Gustavo De Carli e Dilmar da Silva

Designer gráfico

Gustavo Raasch

Fotografia

Franciele Oliveira

Ilustração

Ousmane Mathurin

Artista de rua

Fernanda Rieta

Social media e assessoria de imprensa

Farol comunicações

Revisão textual

Raíssa Moraes

Pesquisa histórica

Franciele Oliveira

Realização



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

APRESENTAÇÃO

O projeto “Ver o outro: as famílias senegalesas muçulmanas na Serra Gaúcha” é resultado de uma pesquisa que vem sendo realizada desde 2018 junto à comunidade senegalesa de Caxias do Sul, resultado da dissertação de mestrado em História de Franciele Oliveira (2022). A pesquisa foi iniciada a partir da demanda de alguns membros da comunidade que, por estarem inseridos nas produções realizadas acerca da atual formação cultural da cidade, desejavam participar ativamente dessa arguição e ter suas vozes ouvidas. Tratando inicialmente da relação entre trabalho e religiosidade, o projeto ganhou novos significados quando passou a ouvir as mulheres que estavam, até então, raramente presentes nos estudos levantados, já que para além da atividade de trabalho exercida pelos imigrantes, apareceram novos sujeitos, como instituição da família. Junto dela, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração se fizeram presentes nesse processo de adaptação. Ao longo do caminho, foi incorporada ao projeto a perspectiva decolonial, visto que tratamos, aqui, de sujeitos negros, muçulmanos, africanos e sul-periféricos; todas essas categorias impactam diretamente no movimento migratório, no acolhimento da cidade, nos empregos e na visão que as pessoas têm dos imigrantes. Para a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, ver é um convite para diferenciar. No Ocidente, este vai ser o sentido privilegiado, utilizado durante muitos séculos para justificar atrocidades contra os povos vistos como racializados. Mas, através do ver, há também o contato com a pluralidade das diversas formas de ser cotidianas. Por meio da experiência estética, é possível compreender e ver a si mesmo no outro. Com base nessa discussão, o projeto realizou uma exposição fotográfica sobre as famílias senegalesas. A curadoria foi compartilhada com Demba e Fatou Sokhna, realizada dentro do projeto “Movi, saberes e fazeres migrantes”. A exposição circulou entre outubro e dezembro de 2022 na Praça Dante Alighieri e na Praça do Trem, ambas em Caxias do Sul. Além das fotografias, o artista Ousmane Mathurin produziu ilustrações que fizeram parte deste catálogo e da exposição. Nas ruas centrais da cidade, a artista Fernanda Rieta também colou frases, em formato de lambe-lambe, que foram selecionadas das 23 entrevistas realizadas entre os anos de 2018 a 2021. Todo o projeto teve acesso gratuito e disponibilizado nas redes sociais do “Movi, saberes e fazeres migrantes”.

Boa viagem!

Franciele Oliveira

QUEM TEM
O TEMPO
DE ENSINAR
OUTRAS PESSOAS,
TEM TEMPO
DE ENSINAR A AMAR.

VER
o outro

@movisaberesefazeresmigrantes

Realização



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA



Durante séculos e séculos, os homens viviam como nômades sem perceber. Terras e terras foram descobertas. Alguns eram nativos, enquanto outros eram estrangeiros, imigrantes, turistas ou mesmo invasores.

No século 21, com o decorrer da história, esse fenômeno viralizou com suas múltiplas dificuldades e incertezas, tanto demográficas quanto econômicas. Isso fez do Brasil, do Rio Grande do Sul em particular, um pólo migratório, espaço em que diversas nacionalidades se encontravam, e ainda se encontram, para arquitetar uma vida melhor ou simplesmente recomeçá-la em um novo lugar. É nesse espaço que o exercício de olhar para o outro se desenvolve.

**QUEM SOU EU? DE QUE FORMA MEU SEMELHANTE VIVE EM SUA CULTURA?
EIS A IMPORTÂNCIA DE CONVIVER COM OUTROS INDIVÍDUOS,
DE TER O PRIVILÉGIO DE PRESTIGIAR SUA TOTALIDADE CULTURAL E SUAS
DIVERSAS FORMAS DE EXPRESSÃO.**

Demba Sokhna
produtor cultural, educador e humanista

EU NUNCA PENSEI
NA MINHA VIDA
QUE EU FOSSE
SAIR DA MINHA
TERRA PARA VIR
PARA OUTRO PAÍS.

VER[☀]
o outro

@movisaberesefazeresmigrantes

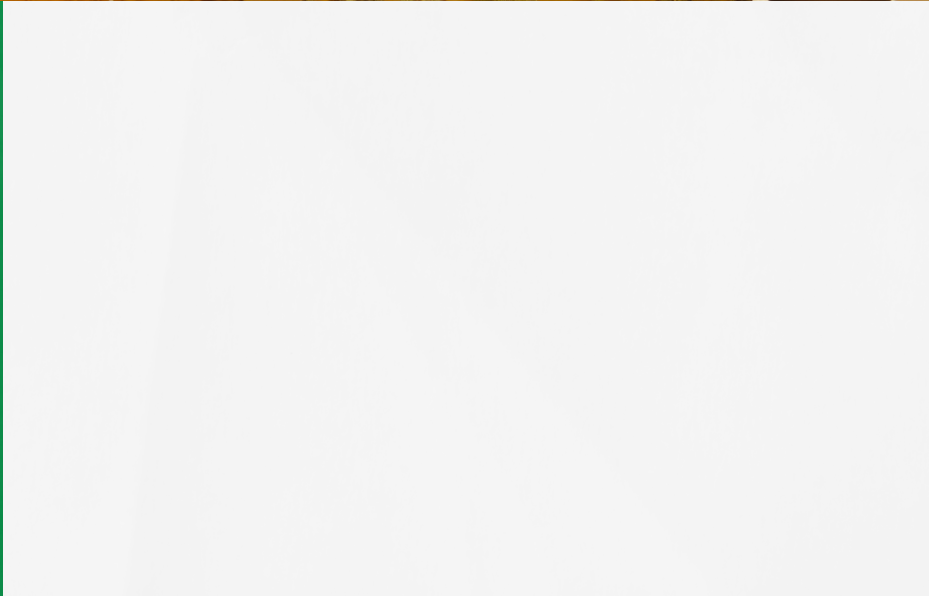
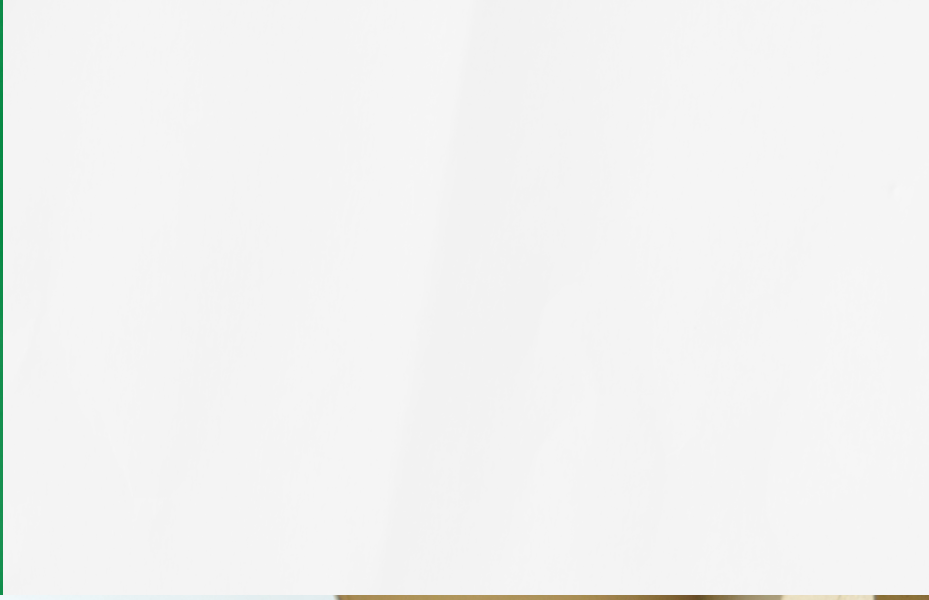
Na primeira metade do século XXI, Caxias do Sul, segunda cidade mais populosa do Rio Grande do Sul, recebeu imigrantes vindos do Senegal em busca de trabalho e novas oportunidades. O grupo era composto, em sua maioria, por homens e jovens que movimentaram a cidade. Caxias buscou constituir-se historicamente como um recanto europeu na Serra, preservando e exaltando os valores da fé católica e do trabalho da imigração italiana, mas apagou os povos indígenas de sua história.

A imigração senegalesa chegou à cidade promovendo uma nova paisagem, trazendo novas perspectivas, conhecimentos, esperanças, homens, mulheres e crianças em seu movimento migratório Sul-Sul.

A praça Dante Alighieri, a mais antiga do município, passou a ter cores e sons diferentes devido à ressignificação dada pelos imigrantes a esse espaço central e movimentado da cidade. Foi a partir de 2016, nesse movimento entre os dois países de costa atlântica, que apareceram novos sujeitos: a família. Junto dela, as saudades e outras dimensões afetivas e sensíveis da imigração se fizeram presentes nesse processo de adaptação. Se o trabalho trouxe os imigrantes até aqui, foram suas famílias as motivadoras do deslocamento na busca de melhores condições de vida.

Franciele Oliveira
Historiadora e produtora cultural









O olhar direcionado ao outro tem o objetivo de trazer para os espaços públicos e para a cidade uma narrativa sensibilizadora das imigrações contemporâneas e de sujeitos por meio da arte. Tem o objetivo de nutrir a possibilidade de ver, efetivamente, as outras tantas dimensões da imigração para além do trabalho. A imagem educa pelo olhar (MAUAD, 2015) e o projeto busca instigar que a população veja mais humanitariamente a presença dos imigrantes no Brasil, com o intuito de contribuir com a construção de uma sociedade mais justa, equitativa, antirracista e democrática.

Franciele Oliveira
Historiadora e produtora cultural





OUSMANE MATHRUIN NDIAYE

**QUEM FALA DE IMIGRAÇÃO, FALA DE CHOQUE CULTURAL.
FALA DE PESSOAS QUE VÃO A OUTROS PAÍSES PARA
TRABALHAR E PARA GANHAR A VIDA.
MAS A IMIGRAÇÃO NÃO SE LIMITA SÓ AO TRABALHO.**

Demba Sokhna
produtor cultural, educador e humanista

DEPOIS DA ENTREVISTA
NINGUÉM ME CHAMOU
PORQUE EU ACHO QUE
ELE NÃO VAI
CONFIAR A UM
ESTRANGEIRO
QUE VEM DE FORA.

VER
o outro

@movisaberesefazeresmigrantes

NARRATIVAS EM TRÂNSITO

Viver demanda movimento e é o que dá sentido a esta História. Caxias do Sul recebeu, a partir de 2010, cerca de 2.389 imigrantes (2011 a 2016, Centro de Atendimento ao Migrante) vindos do Senegal em busca de trabalho. A imigração, para essas pessoas, é um modo de vida que envolve o constante processo de manter suas famílias com boas condições financeiras e de enviar parte da própria renda como auxílio aos que permaneceram em seu país de origem.

PARA MARIAMA BABJI, IMIGRANTE SENEGALESA,
A GENTE SE CONSIDERA COMO IRMÃOS

Para os imigrantes que vêm de diferentes regiões do Senegal, há, em comum, o ser estrangeiro, senegalês, negro e muçulmano em Caxias do Sul. O Islã é uma das características mais importantes do grupo, pois é ensinado desde a infância. Com ele, diversos hábitos são praticados, tais como o não consumo de álcool e da carne de porco, a realização de 5 orações diárias e a partilha com os semelhantes, principalmente no mês de jejum, durante o Ramadã, e no Magal de Touba.

Além disso, ser muçulmano é um dos laços que une os senegaleses em terras distantes, mesmo que dentro da própria comunidade existam diferentes Islãs (mourides, tidianes, laienes e religiosos do ramo mouride baye fall). É importante lembrar que desde a década de 80 existem comunidades muçulmanas na cidade de Caxias do Sul e, atualmente, outros grupos de imigrantes também compartilham essa característica. O Islã é a religião que mais cresce no mundo.



Nos anos de 1970 e 1980, o Senegal passou por adversidades climáticas e econômicas, impulsionando os deslocamentos internos das áreas rurais para a cidade e, conseqüentemente, a urbanização do país e a mudança da imigração feminina. Com esse aumento gradual de mulheres em deslocamento, seja de forma independente ou para o reagrupamento familiar, as senegalesas passaram a contribuir com a renda das famílias. A Europa foi o principal destino desses imigrantes durante muito tempo, até a crise de 2008, em que novas rotas de deslocamento foram observadas, como o Brasil.



"EU NUNCA PENSEI, DURANTE TODA A MINHA VIDA, QUE EU FOSSE SAIR DA MINHA TERRA PARA IR PARA OUTRO PAÍS. JAMAIS IMAGINEI, ISSO NUNCA PASSOU PELA MINHA CABEÇA. MAS, UM DIA, MEU MARIDO FALOU QUE IA PARA O BRASIL, EU CONVERSEI COM ELE PORQUE ELE QUERIA IR, PORQUE JÁ TÍNHAMOS TRABALHO E AS COISAS PARA VIVER LÁ. ELE FALOU PARA MIM: "EU VOU VIAJAR PORQUE EU OUVI QUE LÁ SE GANHA MAIS DO QUE AQUI NO SENEGAL".

Fatou Sokhna
trancista



A partir de 2016, a imigração de mulheres imigrantes senegalesas aumentou na cidade. Esse processo evidenciou uma nova etapa de migração da comunidade no município, já que se tratava, também, de um momento de reunião da família nuclear entre esposas, maridos e filhos. Para Sahko, Diop, Mboup e Diadiou (2015), entre 1975 e 2008, a imigração feminina do Senegal cresceu e esse aumento gerou contribuições para a renda das famílias africanas. Segundo dados da ONU, as mulheres representavam 48% dos 232 milhões de imigrantes internacionais no mundo em 2013.



O ISLÃ É
MUITO IMPORTANTE,
PORQUE É UMA LUZ
QUE MOSTRA O
CAMINHO CERTO
PRA MIM.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER[☀]
o outro





AS FAMÍLIAS

O movimento da comunidade senegalesa em Caxias do Sul diz respeito à família.

A família é um fenômeno além de biológico. É cultural, social e histórico. É uma instituição que é responsável, além da vida privada, pela formação e socialização das pessoas. As famílias senegalesas são muçulmanas – isso, por si só, dá a elas um valor sagrado. Aqui, estamos nos referindo a uma família nuclear, composta por esposa, marido e filhos. Essas famílias não se vinculam apenas pelos laços biológicos, mas também pelas experiências e situações pelas quais passaram. Por exemplo, pelo acolhimento e pelos vínculos construídos, as primas tratam-se como irmãs e pais e mães brasileiros ganham filhos senegaleses já adultos.

No processo de deslocamento do núcleo familiar há, também, muitas crianças que não migraram com suas mães. Em conversas informais, houveram discussões acerca da dificuldade da obtenção de autorização de ingresso no Brasil para as mulheres e crianças, algo que problematizou o processo de reunificação familiar desses grupos. A reunificação é um direito da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989), ratificado pelo Brasil em 1990, mas que vem sendo desrespeitado conforme convém ao governo a opção de permitir ou negar esse direito aos imigrantes.



As mulheres senegalesas vieram para o Brasil em menor número em relação aos homens e, em sua maioria, migraram devido ao deslocamento de seus maridos, com o intuito de reunir suas famílias. A mulher-mãe, para a pesquisadora Maria do Carmo dos Santos Gonçalves (2020), ocupa um lugar central neste grupo familiar, acomodando uma herança matrilinear na cultura dos migrantes. A mulher se autodetermina a partir da maternidade e da constituição da sua família, algo ensinado desde a infância. Em Caxias do Sul, percebeu-se que a ocupação de espaços de trabalho e de lugares na sociedade é limitada pelo fato de que essas mulheres são imigrantes negras africanas. Nas pesquisas sobre o caso dos senegaleses na cidade, são consensuais os casos de racismo, seja nos espaços de trabalho ou seja a partir de olhares tortos e de palavras. Cabe destacar que isso afeta as crianças, tanto as migrantes como as brasileiras com ascendência senegalesa. É urgente que nos atentemos para esse problema, que olhemos para os espaços de trabalho, para as universidades, para as escolas e para outros tantos locais afetados pelo preconceito contra os imigrantes.

Na região, além de todo esse acúmulo de preconceitos, há o fato de que muitas senegalesas não usam o véu/hijab – para tentar se integrar na sociedade local, elas usam roupas características da região. Dessa forma, essas mulheres não são percebidas como muçulmanas, principalmente pela ideia de que a visão estereotipada da mulher muçulmana no Ocidente está muito ligada ao uso do hijab.

**OUVIR ESSA VOZ FEMININA SILENCIADA
É ESSENCIAL PARA AMPLIARMOS NOSSAS
PERCEPÇÕES COM RELAÇÃO AOS PROCESSOS
IMIGRATÓRIOS E PARA REIVINDICARMOS
A REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS
E GARANTIA DE DIREITOS.**



A MENINA TINHA DOIS ANOS
QUANDO A DEIXEI.
EU FUI VIAJAR, SAÍ DE CASA
E DENTRO DO AVIÃO COMECEI
A CHORAR DE SAUDADE,
AI MEU DEUS, FOI MUITO
DIFÍCIL PRA MIM NO INÍCIO.

VER
o-outra





MEU FILHO DISSE:
MÃE, A MINHA
PROFESSORA QUE
ELA É COR DE PELE.
PORQUE ELES CHAMAM
OS BRANCOS DE
COR DE PELE, E
NÓS SOMOS MARROM.

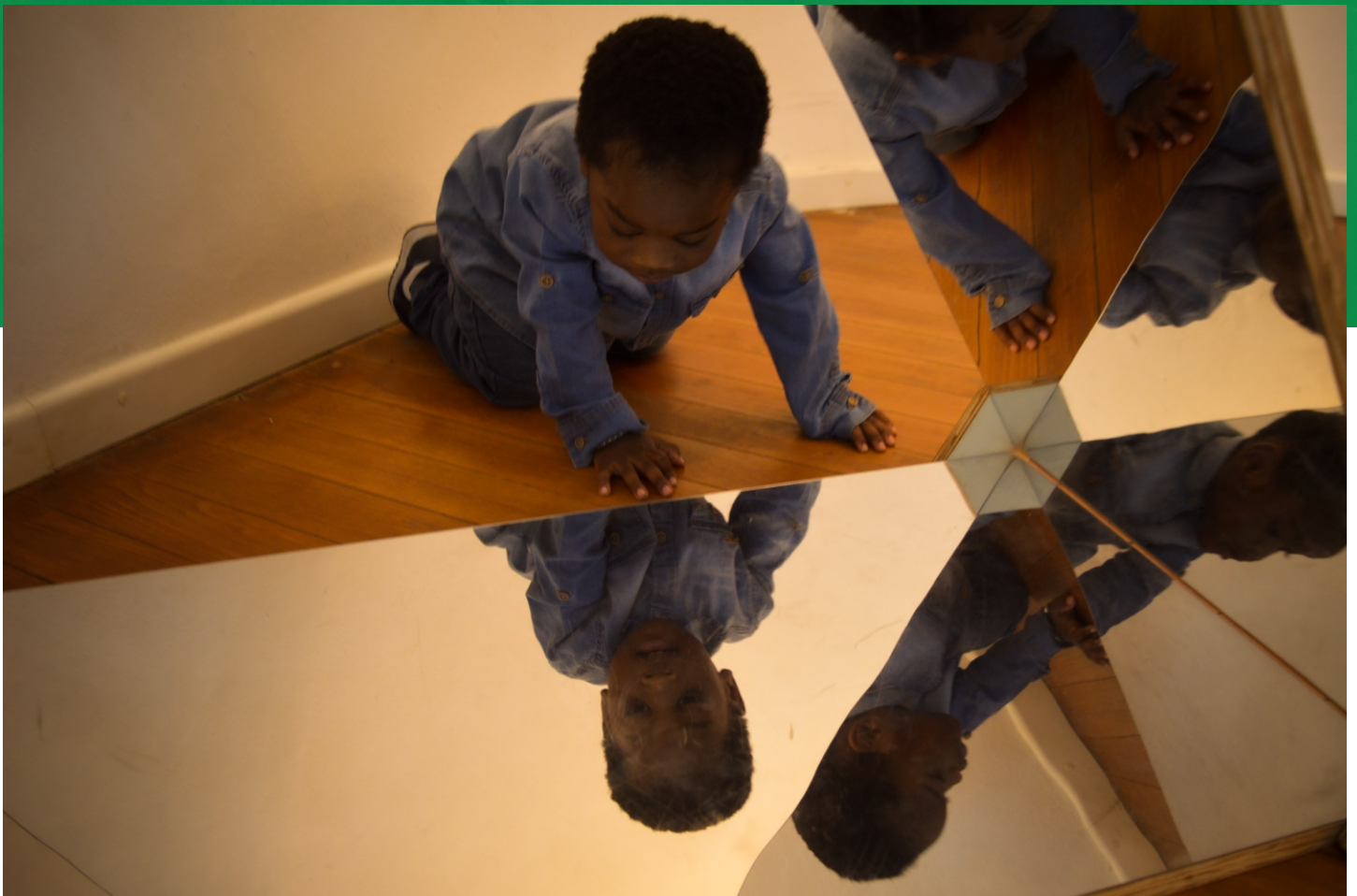
VER
o outro

@movisaberesefazeresmigrantes

VER

É na rua que a vida acontece e a Arte e a História fazem parte desse movimento.

A exposição “Ver o outro” buscou abordar, por meio da fotografia, a dimensão da família de forma a sensibilizar e possibilitar o contato de outras extensões da imigração para além da pura e simples ideia de trabalho. Essa apresentação proporcionou o contato com a cultura imigrante senegalesa e registrou a trajetória e as tradições desses grupos parentais em Caxias do Sul a partir da fotografia, de forma a criar um espaço de trocas entre diferentes histórias de vida e saberes que promoveram reflexão, sororidade e respeito à diversidade. Para os espaços públicos e centrais da cidade, levou-se uma história da comunidade senegalesa de forma positiva e valorizada. A fotografia e as artes visuais foram utilizadas como fundamentos da memória cultural, importante na formação do cidadão, agente integrante e participativo nesses processos de desenvolvimento de uma cultura de paz, que respeite a diversidade cultural, religiosa e étnica dos diferentes povos.



OLHAR É UM CONVITE PARA DIFERENCIAR



OUSMANE MATHRUIN NDIAYE

CAXIAS DO SUL

A imigração senegalesa para Caxias do Sul marca o novo contexto global dos deslocamentos Sul-Sul. São sujeitos de países com economias e políticas historicamente desestabilizadas, que já não cruzam fronteiras para o Norte em busca de melhor qualidade de vida. Pode-se perceber que Caxias do Sul se movimenta para pensar sua história para além da imigração italiana. Há, porém, um longo caminho a ser percorrido.

AS PESSOAS
SEMPRE
VÃO OLHAR
A GENTE COM
UM OLHAR
DIFERENTE.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER[☀]
o outro

MATHURIN - UM ARTISTA SEM FRONTEIRAS



OSMANE MATHURIN NDIAYE

Ousmane Mathurin Ndiaye é um artista plástico senegalês formado pela École Nationale des Beaux-Arts de Dakar no Senegal. A disposição de Mathurin para com as artes plásticas iniciou-se ainda na adolescência em Pikine, departamento da grande Dakar, onde desenvolveu, em pequenos ateliês de arte comunitária, os seus primeiros trabalhos em conformidade à uma tradição de pintura considera tradicional naquele país.

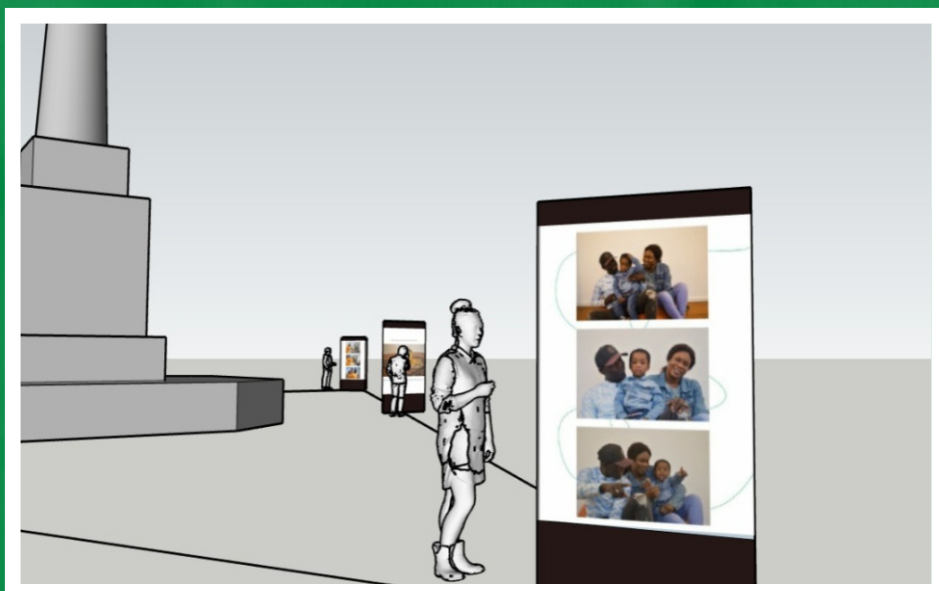
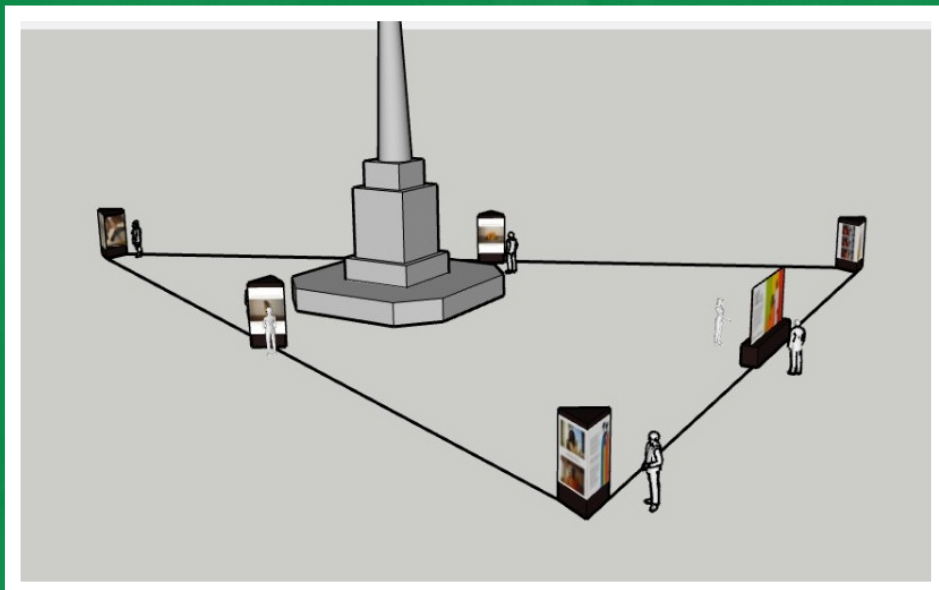
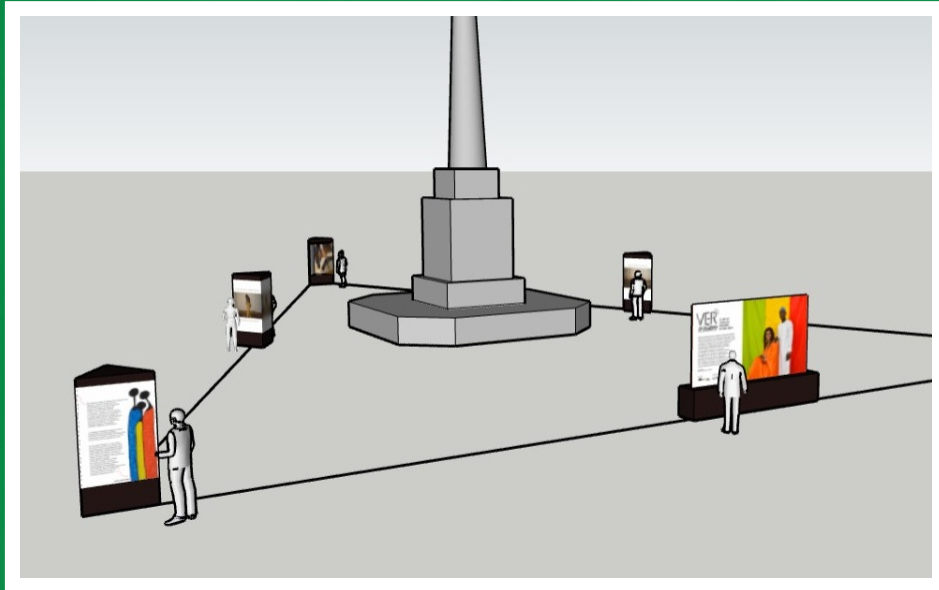
Conhecida como suweer (termo em Wolof), ou peinture sous verre (pintura sobre o vidro), essa modalidade de pintura originária em Bizâncio, espalhou-se pela Europa Central e Oriental, e em toda a bacia do Mediterrâneo durante os séculos XVIII e XIX. Encontrada igualmente na Índia e na China, a pintura sobre o vidro, desenvolveu-se com maior profusão em alguns países do norte da África, no final século XIX. No Senegal, o suweer terá seu surgimento na década de 1930. A técnica consiste, basicamente, em um desenho de tinta nanquim feito na parte de trás da superfície do vidro, o qual recebe, posteriormente, um preenchimento de cores que vão dando forma à obra através a composição com diferentes cores. Inicialmente, os temas abordados pelos

artistas do suweer, reivindicavam uma inspiração islâmica e utilizavam elementos estilísticos de influência norte-africana. Mais tarde, os temas se ampliarão para outros temas seculares, e buscarão retratar aspectos da vida cotidiana senegalesa.

A trajetória artística de Mathurin confunde-se com sua própria experiência migratória. Após a graduação universitária, o artista almejava construir uma carreira profissional no Brasil, para onde migrou no ano de 2013. Estabelecendo-se em Caxias do Sul-RS, criou o coletivo Math Art e realizou diversas exposições no estilo suweer, em espaços culturais da cidade. Com poética própria, o trabalho de Mathurin busca, a partir do traço da corporalidade feminina, retratar a centralidade e importância das mulheres africanas em suas sociedades. Seja nas savanas, em comunidades rurais ou nas grandes cidades, as figuras delineadas pelo artista representam uma porta de entrada às suas memórias de infância no Senegal e a sua experiência migratória para o Brasil. Atualmente, o artista que deixou Caxias do Sul para alçar novos voos, reside na cidade de Nova York nos Estados Unidos.

Cristiano Sobroza Monteiro
Antropólogo e Professor da UCS

EXPOGRAFIA



Norteadas pela máxima de que viver demanda movimento e de que mover dá sentido às histórias feitas de trajetórias, a exposição “Ver o Outro: as famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul” foi pensada coletivamente de forma a representar a poética dos encontros e desencontros das famílias senegalesas na cidade de Caxias do Sul. As implicações do ser muçulmano, do ser senegalês, do ser mulher, homem e criança e, conseqüentemente, do preconceito que estes estatutos suscitam quando não há alteridade, são os temas mobilizadores do projeto.

A necessidade do estímulo ao questionamento sobre práticas que silenciam, invisibilizam e segregam se faz cada vez mais presente na sociedade atual – ainda mais em uma região que se orgulha de ter sido formada por imigrantes europeus ao mesmo tempo que renega as migrações contemporâneas internas e externas. Por isso, a terminação “ver” presente em “viver” e “mover” suscita reflexões sobre quem é o “eu” e quem é o “outro” no mundo onde as fronteiras físicas se desfazem ao mesmo tempo em que as barreiras simbólicas são erigidas.

O painel de abertura apresenta os personagens que mediam estas discussões por meio de ilustrações e fotografias. Este mesmo suporte nos convida a interagir com a proposta, respondendo “e você, é um outro de que lugar?”. Fios vermelhos – uma das cores da bandeira do Senegal que compõem a identidade visual do projeto – partem deste primeiro suporte, nos levando a percorrer um sinuoso caminho entre os outros cinco totens que constroem a narrativa de vida destes e tantos “outros eus” protagonistas.

Dispostos em forma triangular no entorno do Monumento à Liberdade – um marco representativo para as famílias senegalesas que fizeram da Praça Dante Alighieri um importante ponto de encontro – e na Praça das Feiras, estes suportes feitos com madeira de demolição e reflorestamento ressaltam a dimensão humana do emigrar. O triângulo representa a mais resistente das bases pelo fato de todos os seus lados estarem em contato e, não coincidentemente, este formato aponta para o Sul (e, ironicamente, à Catedral de Santa Tereza, santidade que nomeava a região antes de ela se tornar Caxias do Sul) no intuito de descolonizar o olhar sobre o Sul Global.

Cada um dos totens também possui três faces. Porém, nenhuma é simetricamente alinhada à mesma direção – ilustrando a mobilidade e fomentando a curiosidade do grande fluxo de pessoas que passam pelas ruas laterais. A curiosidade é o motor da educação emancipadora para o (re)conhecimento, que por sua vez, só se dá com a (inter)ação. Este é o principal pilar desta proposta expográfica, que propõe a imersão do público em torno da problematização: o que é ver o “outro”?

INTERVENÇÃO URBANA

Ver o outro não é algo que é fácil, ver o outro é um exercício de empatia, de saber se colocar em um lugar ao qual me é desconhecido. Pra enxergar realmente, as vezes é necessário esbarrar, atravessar. Não existe território mais possível de isso acontecer que a rua, as paredes, postes e estruturas modernas ou não nos mostram um lugar em comum a todos. O lambe lambe é uma das formas de conversar dentro da arte de rua, ele nos trás questionamentos, cartazes colados por entre o espaço que transitamos, eles muitas vezes nos fazem visitar o impensável. Quem é o outro? Como o outro ve o espaço que eu também ocupo? Será que essa rua é só minha? Como é viver longe de onde me sinto pertencente? Estes são alguns dos questionamentos que podemos nos esbarrar em meio aos cartazes colados da exposição Ver o Outro.

Fernanda Rieta
artista de rua

VOCÊS PODEM
ME ACHAR
DIFERENTE DE VOCÊS,
É VERDADE,
MAS NINGUÉM
VAI INSULTAR
MINHA INTELIGÊNCIA.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER
o OUTRO

OS DIPLOMAS
DO SENEGAL
NÃO VALEM AQUI,
TEM QUE FAZER
TUDO DE NOVO.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER
o OUTRO

É O SONHO DE
TODA MÃE, VÊ
A FILHA UM
DIA CASAR NÉ,
VÊ OS NETOS
E TODO.

@movisaberesefazeresmigrantes

VER
o OUTRO



NA ÁFRICA, COSTUMA-SE DIZER
QUE SE VOCÊ QUER CONHECER BEM
O QUE TEM EM UMA FLORESTA,
BASTA VER SE ELA POSSUI BASTANTE BAOBÁ.
O BAOBÁ NA ÁFRICA É GRANDE,
TEM UM TRONCO QUE É ENORME.
SE VOCÊ NÃO IR ATRÁS DESSA ÁRVORE,
CONSEQUENTEMENTE NÃO SABERÁ
O QUE TEM ATRÁS DELA.
É PRECISO EXPLORAR A FLORESTA
E NÃO FICAR SÓ NA FRENTE,
SE NÃO...
NUNCA SABERÁ O QUE TEM DENTRO!

Mamadou Abdoul Sène
Chef Fusion Cuisine e professor

